

NOTÍCIAS DE PORTUGAL DE 1578-1580

SEGUNDO CARTAS DE UMA CASA COMERCIAL NEERLANDESA

II

NESSE tempo, em que as gazetas começavam sòmente a aparecer em certas cidades principais, era pela correspondência dos mercadores que as novas de sucessos importantes geralmente corriam mundo.

De feito, as necessidades do tráfego, requerendo a freqüente permuta epistolar, adaptavam a essa função acessória os estilos comerciais, e tornou-se uso do negociante, quasi dever, informar o correspondente dos acontecimentos notáveis, ao mesmo passo que da situação dos mercados. E assim ao útil, que importava ao negócio, se juntava o agradável, na satisfação da curiosidade. De mais valor eram as novas sôbre a política, porque delas muitas vezes dependiam os negócios.

Não faltou à praxe a casa holandesa de que possuímos a correspondência, e nesta encontramos a resenha das principais ocorrências em Portugal, desde a partida de D. Sebastião para o desastre de Alcácerquibir, até à entrada de Felipe II no reino. Na verdade, essas notícias nada adiantam ao já sabido na história; valem porém como testemunho contemporâneo, e reflexo da opinião reinante. Como tais não serão totalmente destituídas de interêsse, para quem o tem pelos coizas do passado. Quem dá as novas é umas vezes Gaspar Cunertorf, outras o sócio Hans Snel. São enviadas a comerciantes em relação com elles, e principalmente ao associado João Jansen. Para simplificação, não se mencionam nos extractos os destinatários, mas sòmente as datas.

LVSITANIA

1578 — Fevereiro 14.

Morreu la Reyna nostra Senhora a 12 do presente, *digo*¹ de 11 para 12 de Fevereiro à meia noite, e partiu para o Senhor, com que todo o reino ficou mui triste, e com *justa causa*, porque ela era uma boa *coluna* de Portugal.

1578 — Março 15.

Desde ontem se acham arrestados todos os navios, aqui e em Setubal, de sorte que virá a subir o preço do sal em nossas terras, se não fôr levantado o arresto. Espera-se todavia que os barcos já carregados possam seguir viagem, ficando outros para o serviço régio, e levarem gente e mantimentos á África. Se em França houver falta de sal, é provável subir muito o preço em nossa terra, porque todo este ano, e em quanto a guerra durar, hão de ser arrestadas todas as embarcações.

1578 — Maio 18.

Os navios que compraram sal a Vossa Graça² estão na maior parte aqui, e todos carregados; os que foram arrestados pudemos livrá-los com o *favor* de certos *oficiais* e gratificações. Todas as embarcações de Hamburgo, e cêrca de 46 hollandêsas, acham-se embargadas (*geembargerdt*) aqui e em Setubal, para conduzir mantimentos, munições e soldados á África, de modo que não volte a metade dos navios sem lá chegar a outra metade; por isso pôde bem acontecer se eleve aí (em Amsterdam) o preço antigo por *causa* do arresto; a saber, 300 reis em Setubal e 350 em Lisboa.

1578 — Julho 26.

Por cá só há de novo ter ido o nosso rei de Portugal para a África, com 1400 velas e 60 mil homens; desembarcou em Arzila, e se dirige *por terra* a Larache (*Caratssa*) que pretende tomar. Do que tem passado lá não há notícias ainda.

1578 — Agosto 27.

As sarjas hão de subir a 6 mil reis ou pouco menos quando sairem as naus da Índia. E também por motivo da lastimosa morte do rei de Portugal e tôda a sua nobreza, a 4 de Agosto, na Berberia, entre Alcaçer e Arzila, onde no espaço de duas horas foi tudo destroçado, morto e cativo. O rei, aprisionado com muitas feridas de lança e espingarda

¹ Assim no original. O itálico significa estarem as palavras em português no texto primitivo.

² No original V. L., que parece representar Uwe Liefelijkheid, correspondente a Uwe Edelheid, Vossa Nobreza, tratamento de hoje.

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

trouxeram-no meio morto para Alcacer, e ai esteve tres dias, até que acabou. Então, segundo dizem, lhe cortaram a cabeça, que foi levada para Marrocos, sendo o corpo embalsamado com muita reverência e carinho pelos fidalgos cativos, os quais eram todos príncipes, duques, condes, barões, marqueses, e outros grandes e gente principal, presentes na batalha. O número dos cativos anda por dez mil, que com os mortos em combate fazem 16 ou 17 mil homens, de que não escaparam vinte e cinco. Deus acuda ao reino neste seu terrivel estado de *miséria* e desgraça! Ainda a quem, como nós, não é *vassalo* ou *natural* parece estala o coração de ver e ouvir nesta cidade tanto dano, lástima e «destruction y desonora», que à nação causaram nossos pecados. Junto com êles o desatino do rei, que por sua temeridade e leveza foi causador de tudo, fazendo pouco do inimigo e não querendo atender aos avisos de seus capitães.

De dois dias a esta parte nada mais se faz por cá senão andar em choros e prantos (pranteiren), preparar lutos, e dar as ordens para a coroação do novo rei, Cardial Henrique. Ontem arrastaram as *bandeiras de dó* e quebraram 3 escudos, (schudos), um defronte *da porta da sé*, outro em frente da igreja do hospital do Rocio, o terceiro em meio da Rua Nova, gritando em altos brados que chorassem todos a morte de El-rei D. Sebastião.

Há dois meses tudo aqui está mudado, e o grande *animo* e alegria em pouco tempo se tornaram tristeza. Agora cuidam também das ordens para serem resgatados os fidalgos, por certa soma, e depois dêles os príncipes. Dizem vai ser aclamado rei, com toda a solenidade, o Cardial D. Henrique, ha seis dias jurado *governador* e *sucessor*, e também que há de vir o príncipe de Espanha mais novo, para se criar (crieren) aqui, e casar depois com a filha do Duque de Bragança, afim de que a nação tenha rei. De quatro anos para cá tem diminuido muito o número dos príncipes em Portugal.

1580 — Fevereiro 18.

Em Espanha se faz grande *aparato* bélico por mar e por terra, motivo porque estão lá arrestando os navios; e assim, em vindo a primavera mais arrestos haverá; pelo que o maior numero das embarcações correm para Lisboa, comquanto a mim me pareça que aqui também as hão de arrestar. Por isso penso nos devemos contentar (contentieren) com 12 a 15, já que não podemos sondar o que tem na mente o rei de Espanha e os governadores cá. O mais corrente é que tanto a Espanha, como Portugal, estão com intentos sôbre África. Alguns pretendem (pretendirren) e esperam esteja ainda vivo o rei D. Sebastião; dizem uns que incógnito na Berberia, outros em Espanha. *Finalmente* certeza não há nenhuma. Diz-se também que são contra Portugal os armamentos (de armada) de Espanha, e que Filipe se quere apossar do país pela força, sem esperar por sentença da justiça. Oxalá pudéssemos adivinhar o que está para acontecer.

1580 — Maio 24.

Há receios de guerra com Espanha, desde que faleceu no último de Janeiro o nosso rei cardinal, sem deixar determinado quem há de herdar o reino, achando-se o caso agora em mãos de juizes. Os pretendentes são quatro: Filipe, rei de Espanha e o Duque de Saboia, ambos filhos de irmãs de D. Henrique; a Duquesa de Bragança filha de um irmão; e D. Antonio, filho de outro irmão; êsse bastardo, o qual pretende provar que o pai o legitimou. O pleito versa sôbre qual dos quatro herdará a coroa. Filipe tem juntos na fronteira quarenta a cincoenta mil homens, para submeter Portugal pela espada, se lhe fôr contrária a sentença. O povo não quer de forma alguma passar à obediência de Espanha, e prefere o Duque de Saboia, que é viuvo e tem um filho. Se tal vem a succeder teremos Filipe em armas contra nós, e assim succede que a toda a hora esperamos guerra. Por isso é minha opinião que Vossa Graça se deixe ficar por lá (em Dantzic) até isto acabar, pois se tivermos guerra não haverá negócios, nem aqui se estará bem. Ninguém quer de maneira nenhuma sujeitar-se à Espanha; estão sendo as fronteiras guarnecidas de gente, e todos os fortes se acham bem providos. Fizeram-se cinco governadores para o reino afim de que haja regentes. Dos cinco, três são inclinados à Espanha e dois contrários. O povo baixo não quer de nenhuma maneira sujeitar-se à Espanha. Em quanto as coisas assim estiverem e houver peste em Lisboa não é de bom conselho voltar. Tão depressa me pareça o tempo socegado, darei aviso a Vossa Graça, para regressar.

1580 — Dezembro 14

Este ano pouca disposição temos tido para entrar em negócios por causa da peste, que faz muitas mortes, não valendo a pena alarga-los, para ficarmos sobrecarregadas de dívidas ou de fazendas por vender. Temos passado muitos *trabalhos* (trabalhos gepassiert), com a peste tão intensa que Lisboa inteira tem adoecido, e agora com a guerra do rei de Espanha, que totalmente subjogou e tem destruído a Portugal, conforme vou contar.

A 25 de Agosto acometeu o exército do rei de Espanha ao de D. António, que tinham aclamado rei de Portugal. Os portugueses puseram-se em fuga e debandaram, vindo parte para a cidade, onde cêrca de mil puderam esconder-se, dispersando-se o resto. D. António, que tinha situado bem o exército em Alcantara, do lado de cá, também se acolheu à cidade, mas saiu por outra porta, e pôde assim, até o dia de hoje, salvar a vida. Os espanhóis, vitoriosos, perseguiram os portugueses até junto dos muros, e os habitantes de dentro abriram-lhes as portas, aonde veio o Duque de Alva em pessoa, e mandou, sob pena de vida e perdição de bens, que ninguem ousasse penetrar na cidade nem pilhar. Concedeu o saque dos *arrabaldes* (ribaldas) de Lisboa, e cinco milhas à roda, de sorte que todos os subúrbios foram saqueados, isto

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

é: desde o Corpo Santo, portas de Santa Caterina, da Mouraria, da Cruz, de Santo António e do Mar, e cinco milhas à roda, tudo foi devastado. Com isso tivemos nós alemães grandes perdas, pois todo o nosso trigo, madeiras, breu, alcatrão, cabos, se achava fora da cidade, e foi tomado, tendo agora de o resgatar. Da fazenda, minha e dos bons amigos que me a tinham mandado para negociar, tomaram 560 moios de trigo e 400 toneladas de farinha, que à custa de muito dinheiro pude recuperar. Tomaram-me ainda 90 quintais de marfim, que estão perdidos e se não podem resgatar, porque exigem por eles mais que o valor. O centeio foi resgatado de 40 a 42 mr.¹ o alqueire, o trigo baixo de 50 a 52 mr., e o bom a 75 e 76; a farinha a 8 reais a tonelada.

João Snel experimentou grande dano, por ter a casa fora da cidade, da qual tudo lhe tiraram, não só o que era de comércio senão também alfaias. Toda a fazenda que eu tinha em *poder* de João Snel para ser vendida foi considerada boa presa e sujeita a resgate.

Ainda, graças a Deus, nos ficou uma grande partida de centeio, que estava em «las Casas de Carbon»² e não nas Tercenas³. Ainda também conservamos 17 ou 18 sinos dos maiores⁴ que estavam defronte do *armasem* (almasyn), e foram defendidos como fazenda real. Em *suma*, o nosso prejuízo⁵ é grande, mas seria maior ainda, se tem ficado D. António, que se apoderava do que lhe apetecia, sem nada pagar. Espero agora que Deus nos compensará êstes danos, porque há de haver aqui mais negócio que de muito tempo a esta parte, e até se diz vão passar para cá os contratos (contractatio) de Sevilha. Todos os géneros vão subir de preço, agora que o reino está quieto, e D. António de todo repellido. Êsse fugiu de aqui para Coimbra, e de lá para Aveiro e Porto⁶, tendo juntado 15 a 16 mil homens. O Duque de Alva, sabendo estar-se êle tornando forte outra vez, mandou em sua perseguição Sancho de Avila, com seis mil homens escolhidos. D. António aguardou-o nas vizinhanças do Pôrto, mas, quando se aproximava, novamente os portugueses fugiram, sem esperar o combate, e êle se bem que acossado de perto pôde escapar-se. Há quem diga que o mataram; se assim foi, ficaremos aqui em paz.

¹ Parece ser abreviatura de *maravedis*, como adiante *reais* se refere a moeda de Castela.

² Provavelmente Cais do Carvão, a Santa Apolónia, onde havia armazéns para êle.

³ *Terranas* no texto holandês; evidentemente má leitura do original.

⁴ Deviam provir da pilhagem das igrejas, pelos iconoclastas, nos Países Baixos. Por diferentes vezes a firma recebeu essa mercadoria, de que se enviava o material para a Índia.

⁵ Ou *a soma do nosso prejuízo*. *Suma unse schade* no original.

⁶ A última frase muito incorrecta na transcrição: «Van hir verloopen thot Ombra vnde van daer na Auero porta», como se lê no impresso, e certamente não foi escrito assim.

LVSITANIA

Está-se à espera do rei de Espanha para assistir às Côrtes em Almeirim (Almosyen), e pôr em boa ordem e policia as cousas de Portugal. Agora ficará esta praça muito próspera, e aconselho a Vossa Graça venha com tôda a presteza que lhe fôr possível para ficar por cá.

Em tudo isto, comércio e política, se entrelaça um triste drama de amor. As cartas desta correspondência, com excepção de poucas, são dirigidas a João Jansen, que como vimos morava em Lisboa na casa de Cunertorf. Antes de deixar Portugal, ajustara êle casamento com uma sobrinha da mulher do seu hóspede, Ana Galoa, ou Galvoa, tendo feito uma escritura de promessa, na qual declarava que, por serem ambos ainda muito jovens, se ausentava por três anos, e tornaria depois para as núpcias. Trocaram-se presentes, e Cunertorf dotou com 300 mil réis a sobrinha. Parece porém que as distrações da viagem arrefeceram a paixão do noivo, se é que paixão o levava ao casamento. Em Dantzic garantiu a mulher do correspondente, também compatriota, que lhe dera hospedagem, e foi por isso expulso da casa. Depois todos os pretextos lhe serviram para se esquivar ao prometido. A princípio, o próprio Cunertorf lhe facultou os motivos; mais tarde, quando êste o instava ao regresso, escusou-se, exigiu um dote de 3000 cruzados, e acabou por alegar que a noiva prometera a mão a outro homem de Kampen, que visitara Lisboa, o que parece não ser verdade. O tio repeliu indignado a desculpa, e assegurou que ela, com seu consentimento não desposaria outro, senão aquêlê a quem se tinha obrigado; antes a faria entrar em um convento. O certo é que para o convento ela foi, como de uma carta de 12 de Julho de 1585 se depreende. Dêste rompimento de noivado, e do ajuste de contas entre Jansen de um lado e Snel e Cunertorf do outro, nasceu o processo judicial, a que devemos o ter-se conservado até hoje esta elucidativa correspondência.

Cartas e documentos são escritos em língua, que não cumprira ainda a sua evolução, e se acha mais perto do falar de Leste originário que do neerlandês de agora. A ortografia é bárbara, incerta, e a má escritura terá a culpa

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

de muita anomalia que apresenta o texto impresso. Nos termos portuguezes e castelhanos é muitas vezes evidente a má leitura. A redacção, no nexos dos pensamentos e aspecto gramatical, revela-nos indivíduos bisonhos no uso da palavra escrita.

Nos extractos a versão acompanha tanto quanto possível de perto o original, mas foi por vezes necessário se afastasse, para quebrar a monotonia da repetição dos termos e das formas de expressão. Pode ser também que alguma vez não reproduza com exacção perfeita um vocábulo obscuro.

Em todo o caso não afectará a diferença o sentido da frase. Nem os assuntos dos trechos transcritos dão margem a dúvidas de importância.

J. LUCIO D'AZEVEDO.

